

Estudo aponta vulnerabilidade feminina dentro da crackolândia

Pesquisa revela como situação de mulheres usuárias de drogas é agravada por abusos no túnel do VLT

ARMINDA AUGUSTO
DA REDAÇÃO

Em meio ao caos da crackolândia, onde a vulnerabilidade é regra e a sobrevivência é diária, a violência contra as mulheres se impõe como uma realidade constante, ainda mais intensa pelos efeitos das drogas a que estão submetidos seus agressores. Sem que os casos tenham registros oficiais, a situação se torna invisível para a sociedade e para os órgãos públicos municipais e estaduais.

Essa é uma das constatações de um estudo inédito feito pelo servidor público Paulo Rogério Alves Rodrigues, que atua no atendimento à população em situação de rua na área conhecida como crackolândia, dentro e perto do túnel do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), no José Menino, em Santos.

O estudo — intitulado *Violências Consentidas. As Mãos Invisíveis do Estado e do Mercado na Produção de Violência contra a Mulher Usuária Compulsiva de Drogas na Crackolândia do Bairro José Menino, em Santos* —, foi desenvolvido no mestrado profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, elaborado com orientação do professor Hélio Alves, na Universidade Católica de Santos (UniSantos).

Paulo ouviu 20 mulheres usuárias de drogas, de 20 a 50 anos, entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, com um questionário de perguntas abertas e múltipla escolha. Todas disseram já ter sofrido agressões verbal, física e/ou psicológica, e 85% responderam tê-las sofrido mais de uma vez.

MOTIVAÇÃO

Paulo Alves, na função há mais de uma década, explica que o motivo para escolher essa temática no mestrado profissional decorreu da observação e do convívio com aquela população. “Muitas têm marcas pelo corpo e falam sobre isso, mas eu queria ter dados mais concretos e técnicos para avaliar qual era o tamanho desse cenário.”

A crackolândia do VLT tem, em sua maioria, pessoas em situação de rua.



Dentro e nos arredores do túnel, no José Menino, em Santos, a violência é invisível, sem registros oficiais



Paulo Alves (à esq.), autor do estudo, ouviu mulheres usuárias de drogas; ele e Hélio propõem observatório

Segundo censo de 2018 com essa população, a maioria é de homens (82%). No estudo, Paulo Alves cita pesquisas científicas que ligam a violência aos efeitos provocados pelo uso de drogas como o crack: impulsividade, transtornos de atenção e hiperatividade, transtorno de personalidade antisocial e potencialização da agressividade.

“Assim como culturalmente se culpa a vítima pelo sofrimento, o poder e a sociedade depositam nela toda responsabilidade por se expor: ‘Elas estão ali porque querem’, repete o senso comum. É como se a condição de viver em área livre e ser dependente química justificassem sua expulsão do estado democrático de direito. A Lei Maria da Penha e a Delegacia da Mulher não chegam à crackolândia porque, *a priori*, elas foram coletivamente condenadas a uma espécie de prisão perpétua social”, diz Paulo no trabalho.

INVISÍVEIS

“São mulheres invisibilizadas, que não existem nas estatísticas de violência e, portanto, não têm acesso a direitos e serviços básicos de proteção”, diz Hélio Alves, psicólogo, professor universitário e orientador do estudo.

Das entrevistadas, apenas 20% disseram ter encontrado apoio após a violência e, dessas, 75% afirmaram que veio dos amigos. Além disso, 80% disseram ser obrigadas a fazer sexo, 75% não superaram a violência e 70% têm a sensação permanente de ameaça.

OBSERVATÓRIO

Paulo e Hélio entendem que, para atenuar o problema e dar encaminhamento adequado, seria necessária uma espécie de observatório, que oferecesse informações científicas complementares, para contribuir na melhora do atendimento do serviço público à população em situação de vulnerabilidade social. Funcionaria em parceria com a universidade, produzindo dados que sustentassem políticas específicas.